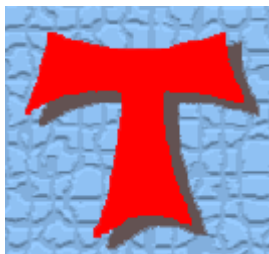


# A CRUZ, O CRUCIFIXO E O SINAL DA CRUZ

Vítor Quinta  
Outubro 2003



(TAU)

Os crentes católico-romanos e os ortodoxos têm sido ensinados a ter em alto apreço ou mesmo a reverenciar os símbolos da cruz e o sinal da cruz, que eles crêem ser símbolos cristãos. A tal ponto, que qualquer observador pode ver inúmeras pessoas a usar uma cruz ou um crucifixo ao peito, ou a tê-lo colocado numa parede da sua casa ou, igualmente, a usarem o sinal da cruz sempre que pensam estar a cultuar o Santo Nome de Deus. É ainda vulgar ver-se pessoas a beijarem o crucifixo que trazem ao pescoço ou o que, algumas vezes, lhes é apresentado pelos sacerdotes católico-romanos.

Uma vez mais, e não só nestes símbolos, os povos ditos cristãos têm sido levados a aceitar crenças que nada têm a ver com o verdadeiro cristianismo. A humanidade anda há muito envolvida pela mentira e pela ignorância e poucos há que se libertam desta teia.

É este esclarecimento que nos propomos dar com algum detalhe neste estudo, recorrendo a algumas fontes históricas (inclusivé à Bíblia) e, onde se aplique, às passagens bíblicas relevantes.

## 1. A cruz e seu significado

Consultando:

Dicionário do Misticismo e do Oculto (Drury)

*“Símbolo pré-cristão interpretado por alguns ocultistas como unindo o órgão masculino (barra vertical) com o órgão feminino (barra horizontal). É também um símbolo das quatro direcções e uma poderosa ferramenta contra o mal”.*

Eis a razão pela qual a maioria a usa, debaixo de uma superstição antiga, para ilusoriamente se defenderem do mal. Infelizmente ignoram que o mal só se pode combater e vencer quando o coração do crente já não é comandado por este mas por Cristo.

## 2. O crucifixo

### a) A abordagem histórica

- Sabemos que no passado os criminosos eram muitas vezes justiciados numa estaca (madeiro) ou numa estaca encimada por um barrote cruzado. Este método de execução foi trazido dos fenícios pelos gregos e pelos romanos. A língua grega usada nas Escrituras fala-nos somente de uma estaca ou madeiro. O termo “cruz” corresponderá assim a uma errada tradução da palavra grega *stauros* que significa “madeiro” pontiagudo colocado na vertical. A crucificação não era prática entre os Hebreus. Para a pena capital, a lei moisaica impunha a lapidação (i.e. o apedrejamento até à morte), o mesmo tipo de morte que Estêvão sofreu.
- Recorrendo aos registos históricos vemos que a cruz tradicional, reverenciada e usada por muitos crentes católico-romanos e ortodoxos, existia já em períodos muito anteriores ao tempo de Yeshua, O Cristo, tendo a sua origem no paganismo trazido para Roma desde Babilónia e de outros territórios conquistados, como o Egipto. A sua forma corresponde à letra T ou t, o *TAU*(\*) místico dos Caldeus e que simboliza(va) Tamuz, o deus-sol, o ídolo pagão mais venerado na antiguidade<sup>1</sup>. Assim, temos que esta cruz já vinha pelo menos desde 1500 anos antes de Yeshua nascer e era usada por inúmeros povos pagãos. Israel também se deixou contaminar por este tão grande pecado. Como exemplo podemos apontar reis Assírio-Caldeus, como Asurbanípal e Sansirauman, que usavam jóias ao pescoço em forma de cruz como se comprova pelas estátuas existentes no Museu Britânico – monumentos de Ninive, associadas à adoração do deus-sol (Tamuz).

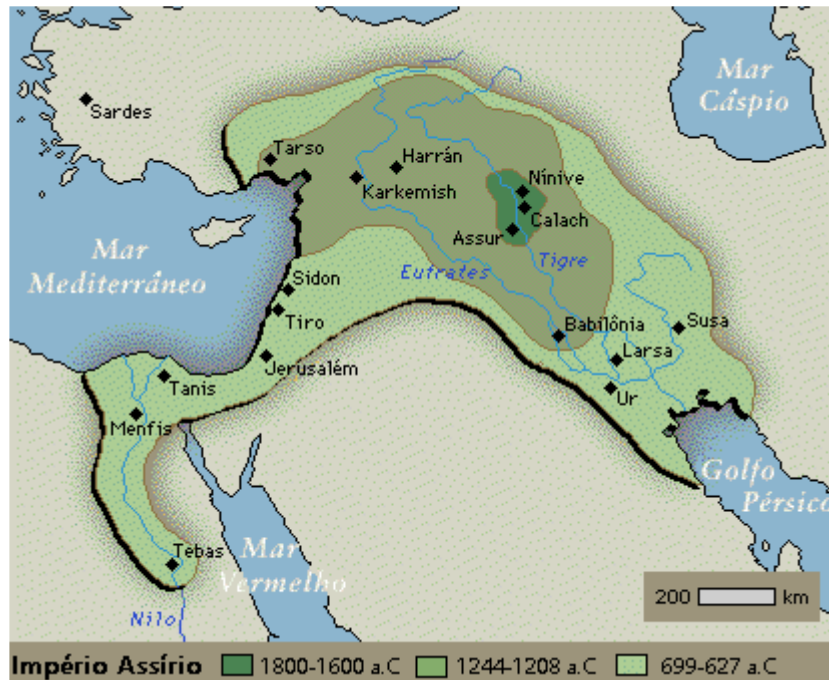
(\*) *letra que entra tanto no alfabeto grego (19ª letra) como no hebraico (última letra)*

- Os adivinhos caldeus e igualmente os de outros povos como os romanos faziam adivinhações nos cruzamentos das estradas, usando vários métodos: setas, *terafins* – que eram imagens de ídolos pagãos ou de antepassados aos quais era rendido culto – ver 2.Reis 23:24, evocando ainda o chamado espírito dos mortos, assim como o faziam pela “leitura” de fígados de animais – Ezequiel 21:21: **“Porque o rei de Babilónia parará na encruzilhada, no cimo dos dois caminhos, para fazer adivinhações; aguçará as suas flechas, consultará as imagens, atentará para o fígado”** (eis aqui um registo da Bíblia Sagrada como fonte histórica).

O mapa abaixo mostra-nos as regiões onde era manifesta a influência destes povos pagãos e idólatras, a qual também atingiu Jerusalém como se pode ver pela leitura indicada em rodapé.

---

<sup>1</sup> Ler Ezequiel 8:14-17 (uma abominação perante a face de YHWH)



- Também as “divindades” pagãs romanas tutelavam os cruzamentos das estradas e aí tinham os seus santuários. Eram conhecidas como *lares compitales* (*lares* = guardiões do solo). Aí, então, tal como hoje, eram oferecidas velas, luzeiros e outros sacrifícios. Hoje, à saída de Lisboa, junto à Rotunda do Relógio, temos a estátua do S.Cristovão, “santo” patrono dos viajantes assim como vemos inúmeros locais onde se acendem luzeiros/velas nos caminhos, principalmente onde ocorreram acidentes mortais.
- A migração das crenças e símbolos pagãos de outros povos para Roma veio a ser o resultado das conquistas militares e do panteísmo romano dominante no tempo do Império Romano e assimilado pela Igreja de Roma, que desde cedo apostatou da verdade, aceitando e oficializando os ritos de origem pagã. Entre outras coisas, sabemos igualmente que os deuses pagãos do Olimpo grego foram transformados em deuses romanos, mudando-lhes somente os nomes mas conservando os poderes e hierarquia que os seres humanos lhes atribuíam (mitologia).
- Mas, voltando ao antigo símbolo *Tau* (de Tamuz), a história comprova que as antigas vestais (sacerdotisas que cultuavam a deusa Vesta em Roma - esta era a deusa romana do lar, representação da deusa grega Hestia que protegia as tradições familiares, responsável por manter a lareira da casa acesa e que também protegia os antepassados) usavam ao pescoço um colar com o *Tau*, tal como muitas freiras católico-romanas de hoje o fazem com a cruz ou também com o Tau. Tal como aquelas deviam ser virgens, também as actuais freiras do culto católico-romano o devem ser. Pura coincidência ou paganismo? Veja-se a semelhança entre a “deusa Vesta” e certas imagens que são veneradas nos nossos dias no culto da Mariolatria:



(imagem da deusa Vesta)

- Da mesma forma os egípcios, gauleses e outros povos, como os celtas (cujos druidas também cultuavam as árvores e elegiam uma de grande porte como o símbolo da divindade para adoração, nela gravando o símbolo *Tau*) veneravam o mesmo símbolo pagão, como se pode comprovar em gravuras de muitas estátuas que chegaram até nós, onde a cruz aparece associada ao culto do sol e dos mortos. Hoje, na generalidade dos caixões é também colocado um crucifixo. A ligação deste culto às árvores sobressai em muitos povos, e também no celta, onde os druidas desenvolveram um alfabeto de 18 letras (*Bobelloth*) que eram representativas de árvores sagradas. Veja-se a seguir a imagem de uma cruz celta que hoje é abundantemente usada por movimentos neo-nazis (mesmo em estádios de futebol de Portugal por certas claques de clubes desportivos) e por movimentos ligados à feitiçaria, em que no centro da cruz está inserido o disco solar:

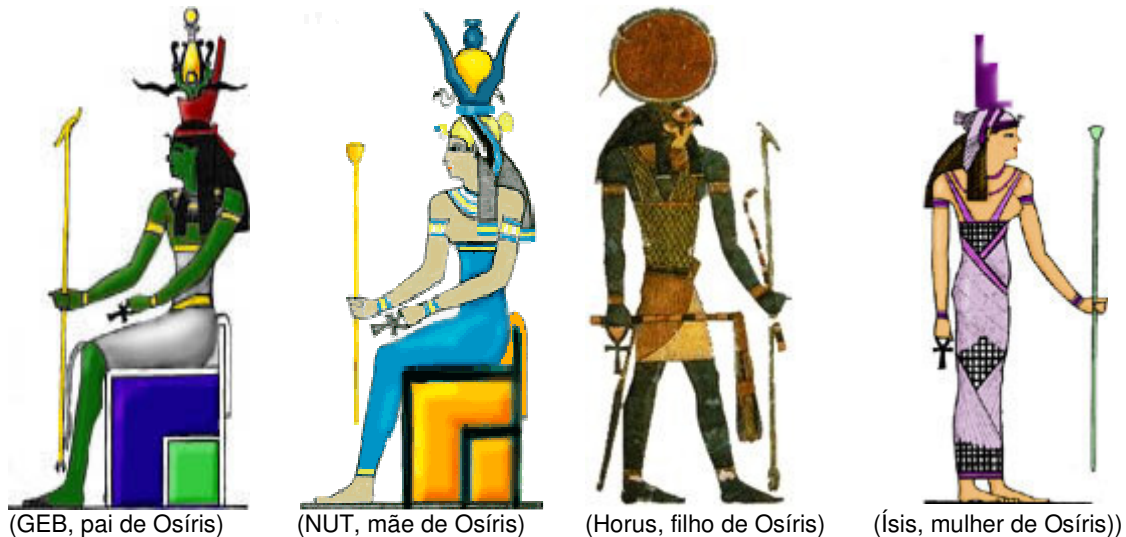


- Quando cruzamos estes cultos arvenses com a história dos vários povos antigos e idolatras, encontramos nos vários cultos de mistérios as seguintes associações:
  - o carvalho era sagrado para os celtas;
  - o freixo para os escandinavos;
  - o limoeiro para os germânicos;
  - a figueira para os indianos;
 e que certas árvores eram sagradas em certos cultos:
  - o pinheiro associado com o ídolo Attis;
  - o cedro com o “deus” Osíris;
  - o carvalho com Júpiter;
  - o loureiro com Apolo,
 etc., etc..  
 Muito mais haveria para dizer destes cultos pagãos ainda hoje mantidos.
- Embora sendo um símbolo muito antigo, a cruz romana retirada do *Tau* só começa a ter relevância e a ser objecto de culto “cristão” após a entrada da apostasia na Igreja, já com o domínio do Bispo de Roma sobre os restantes, particularmente após o Concílio de Niceia em 325 d.C., conforme o atesta a *Enciclopédia Católica*. A legislação que eleva este símbolo à categoria de

objecto venerado foi depois consignada após o Concílio de Constantinopla (c. 381 d.C.), aparecendo, desde então gravada em numerosas medalhas dos vários Papas até aos dias de hoje.

- O segundo Concílio de Niceia (787) veio definir que “a veneração dos fiéis era devida “à preciosa e vivificante cruz”, bem como às imagens ou representações de Cristo, da Abençoada Virgem e dos santos” – in *Enciclopédia Católica*. O conceito de que os objectos e as imagens podem estar imbuídos da natureza divina é um completo absurdo e não tem qualquer fundamento bíblico. De igual modo o são as orações endereçadas ao espírito de um santo *morto*, pois contraria a doutrina da ressurreição que se há-de dar na vinda do Grande Rei, Senhor Yeshua. Ali estão presentes os ensinamentos animistas, diabólicos, contrários à verdade de Deus e à Sua Palavra e os erros que estiveram presentes nos vários Concílios mencionados.
- Ainda hoje, no Oriente, onde o Budismo tem larga expressão entre muitos povos, o emblema da cruz (embora ali não seja um objecto de culto), aparece ligado a algumas expressões de culto, sem ter contudo a atribuição do simbolismo sagrado que lhe é dado pela Igreja de Roma. No Oriente chamam-lhe a “árvore divina”, “a árvore dos deuses” ou, ainda, “a árvore do conhecimento e da vida”, como produtora de tudo o que é bom e desejável, sendo colocada no paraíso terrestre. Trata-se, pensamos, das reminiscências do ensino antigo, embora já distorcido pelo tempo.
- Se compararmos estas expressões com a linguagem que a Igreja Católica usa no “Ofício da Cruz”, onde é chamada a “árvore da vida” e onde os adoradores são ensinados a recitar “*Salvé, ó Cruz, madeiro triunfal, verdadeira salvação do mundo, entre as árvores não há nenhuma como tu em botão, flôr e folha. Ó Cruz, nossa única esperança...*” não encontramos grande diferença. Podemos ainda aqui encontrar a fonte de certo tipo de adoração pagã que é traduzida através de árvores e pedaços delas por ocasião das celebrações do Natal, com a inclusão de símbolos arvenses como o visco e o azevinho nas decorações dessa celebração pagã (a celebração do solstício de Inverno) ou do pinheiro natalício.
- A partir de meados do Sec. III d.C. e em muitos aspectos doutrinários, as igrejas cristãs tinham-se já afastado da verdade do Evangelho do Messias Yeshua e tinham aderido às fábulas. Procurando trazer o maior número possível de pagãos para o seu seio, acabaram introduzindo autênticas heresias, pois “cristianizaram” muitos dos mitos pagãos e dos símbolos que estes veneravam. Os exemplos abundam, e a cruz é um deles. Moedas do tempo do Imperador Constantino mostram a cruz em simultâneo com a simbologia dos deuses pagãos Marte (deus da guerra) e Apolo (deus das profecias, da medicina e da música; também associado ao pastoreio e ao sol; por isso o sol era designado na época clássica como o “carro de Apolo”).
- Este aspecto histórico é atestado por Tertuliano (natural de Cartago, homem da Igreja cristã do Sec. II e III, advogado, cuja obra mais importante “*Apologia*” foi escrita no ano 197, onde apela à defesa dos cristãos perante as arbitrariedades e perseguições do Império Romano), que vem confirmar que a

Igreja de Cartago já estava inquinada com o velho fermento da cruz, vindo dos vizinhos egípcios. O “sinal da vida” (*Tau*) que fazia parte do culto a Osíris, divindade egípcia, deus dos mortos e do renascimento, e símbolo do poder criativo da natureza, foi sempre aceite por este povo que nunca chegou a ser verdadeiramente evangelizado, e que foi o responsável pela introdução dessa heresia pagã em todo no Norte de África, chegando também à Europa, onde o símbolo egípcio se transforma em cruz. Veja-se de seguida alguns exemplos nas figuras de alguns “deuses” pagãos egípcios, onde aparecem tanto o disco solar como a cruz (*Tau*) encimada por uma espécie de argola:



- Dando um salto no tempo, veja-se agora que *Tau* é o emblema e a “assinatura” de “São” Francisco de Assis e dos Franciscanos. “São” Francisco nutria grande veneração e afecto pelo símbolo *Tau*. Recomendava-o muitas vezes por palavras e escrevia-o pelo próprio punho nas cartas que enviava (*S. Boaventura, Legenda Maior, IV, 9*), conforme se comprova pelo escrito de 1224, em que na chamada “Benção a Frei Leão” este escreveu a vermelho: “Dois anos antes da sua morte passou o bem-aventurado Francisco a Quaresma no Monte Alverne (...). Depois duma visão e colóquio com um Serafim, e depois da impressão dos estigmas de Cristo no seu corpo, compôs ele estes Louvores e os escreveu de próprio punho no verso desta folha, rendendo graças ao Senhor pelo benefício recebido. O bem-aventurado Francisco escreveu esta bênção de próprio punho para mim, Frei Leão. Igualmente desenhou ele de próprio punho este sinal **T** com a cabeça.”.
- Em 1215 o Papa Inocêncio III (o mesmo que impulsionou as Cruzadas contra grupos cristãos como os Albigenses) no IV Concílio de Latrão, onde se estabeleceu os cânones da Inquisição, prega um novo símbolo cristão e termina a sua homília com o apelo: “sejam os campeões do *Tau*”. O monge Francisco, estando presente neste Concílio, assume então o *Tau* como símbolo da sua Ordem Religiosa: a Ordem dos Frades Menores. Neste Concílio este Papa fez ainda um apelo à defesa dos lugares santos da Palestina contra os Sarracenos. Outra influência proveio dos monges Antonianos (comunidade masculina fundada em 1095, cuja única função era cuidar dos leprosos e que tinha uma grande cruz pintada nos seus hábitos).

- Outro aspecto histórico de grande relevância é o que diz respeito à forma como o símbolo da cruz foi utilizado pela hostes malignas dos exércitos ao serviço do Papado e de reis submissos a Roma em todo o tempo da Inquisição e nas várias Cruzadas a Jerusalém. À sua sombra foram mortos milhões de pessoas, quer cristãos verdadeiros (Cátaros, Albigenses, Valdenses, Paulicianos e tantos outros) quer filhos de Israel e de Judá espalhados pelo mundo, muitos dos quais foram “convertidos” à força. Veja-se o caso dos “marranos” em Portugal. *Marrano* era (e é) sinónimo de porco o que, para além do aspecto pejorativo da palavra em si, implicava que os “convertidos” eram obrigados, entre outras coisas, a comer carne de porco, para “provar” que tinham renunciado aos ensinamentos do Deus de Israel sobre a distinção a fazer entre os alimentos limpos e os impuros. Daí que se há símbolo mais ofensivo para um judeu, esse símbolo é o da cruz. As igrejas cristãs observadoras do Sábado viram sempre a cruz como um símbolo pagão e, por isso mesmo, foram martirizados milhões de pessoas. Durante o período dos Descobrimentos marítimos, tanto portugueses como espanhóis levaram consigo “a cruz e a espada” tendo espalhado o terror entre os povos das várias terras que conquistaram. Não evangelizaram pelo amor mas pelo terror.
- Os povos nativos das Américas (Central e do Sul), particularmente do México e do Perú, também prestavam e prestam culto à cruz como “árvore da vida” e “árvore da fecundidade”, erigidas em grandes pedras, muito antes dos primeiros missionários ali desembarcarem. À sua sombra e associado a outros símbolos ligados ao culto do sol eram realizados sacrifícios humanos até à época dos Descobrimentos e da conquista desses territórios por parte dos exércitos espanhóis.
- Poderíamos ainda referenciar a ligação destes símbolos a uma época recente da história do mundo, em que a “cruz gamada” representou (ou ainda representa) a ideologia nazi, a força bruta, o obscurantismo, a opressão, o ódio e a morte para milhões de pessoas, com particular incidência na eliminação física do povo judeu na Europa (6 milhões de mortos), tudo com o beneplácito e silêncio da Igreja de Roma e sob o manto de um cristianismo falso. Pode dizer-se que este foi o casamento entre a cruz romana e a cruz gamada (suástica).
- Mas, ainda que Yeshua tivesse sido pendurado (em nosso lugar) num madeiro em forma de cruz, isso não seria justificação para usarmos um crucifixo, pois para além de ser um símbolo de morte, Deus abomina toda a forma de representação física do Eu Sou ou de qualquer outro ser para adoração, pois contraria a Sua Vontade expressa no 2º Mandamento da Lei de Deus. Apesar disso, cerca de um bilião de pessoas que se dizem católico-romanas ou cristãs ortodoxas e outras que o não são, usam esse símbolo. E aí reside o mal!
- Muitos usam ainda esse objecto como adorno e outros sob uma capa de superstição, como se disse (pendurado ao pescoço ou nos retrovisores dos seus automóveis), como amuleto, à guisa de “protecção” contra as forças do mal (chegava-se a marcar o gado com uma cruz para o proteger do mal). Alguns chegam a usar o crucifixo misturado com outros amuletos como, por

exemplo, as figas e o signo saimão, que são símbolos de natureza diabólica ligados à feitiçaria. Tal é a mentira, confusão e a ignorância deste mundo. O homem de hoje nem chega a saber onde peca perante Deus.

- Das várias abordagens históricas aqui feitas podemos concluir que o culto da cruz não tem nada de cristão, nem tem qualquer fundamento bíblico como iremos ver mais adiante. Trata-se sim de um culto de origem pagã, ainda hoje perpetuado no coração e nos sentimentos dos que adoram um falso deus, o deus-sol. Se quisermos ligar este aspecto com a apostasia da substituição do Sábado (verdadeiro dia do Senhor) pelo Domingo (dia do sol, dia de adoração a Tamuz), ficamos com uma noção mais completa de como este culto pagão chegou até aos nossos dias e ainda se mantém.
- Como vimos, nesta breve abordagem histórica, a cruz estava disseminada em todo o mundo, em eras muito anteriores a Yeshua, O Cristo, e estava associada a cultos pagãos, de raiz babilónica, animista (i.e. culto de imagens, talismãs e dos espíritos, equivalente ao espiritismo de hoje e a tantas crenças de raiz africana largamente implantadas no Brasil e na América Central), idólatra e diabólica. Nalgumas partes ela aparece com o sol incrustado (como nos celtas), significando os seus braços os quatro rios que saíam do Jardim do Éden (Génesis 2:10).
- São tradições criadas pelo homem e que Deus condena na Sua Palavra. Estas tradições pagãs infiltraram-se na igreja nos primeiros séculos, estando-lhe ainda associadas outras manifestações como a adoração do sol ao Domingo (Sun-day em inglês, Sonntag em alemão, etc.), a Páscoa em datas diferentes das que Deus requer do Seu povo, a celebração do Natal (ligado ao Solstício de Inverno), todas elas derivadas do culto ao sol.
- A cruz acaba assim por absorver a atenção, dignidade, primazia e reverência que só é devida ao Deus invisível, O Senhor Todo-O-Poderoso (*El Shaddai*), subvertendo deste modo a verdadeira adoração que Lhe é própria e que Ele requer dos seus fiéis: João 4:24 – ***“Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade”***.

b) a abordagem bíblica

Depois de termos identificado as origens deste símbolo satânico, poderemos perguntar, como o faz a Palavra de Deus: 2 Coríntios 6:14: ***“Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas?”***.

Para o verdadeiro crente dos dias de hoje, Tamuz significa Satanás, o adversário de Deus e dos que Lhe são fiéis.

- Quando Ezequias se tornou rei em Judá mandou destruir a serpente de metal que Moisés, por mandado de Deus tinha mandado erigir no deserto, e à qual, até àquele dia o povo ía queimar incenso, chamando-lhe Neustã – Números 21:4-9 e 2.Reis 18:1-6. Por aqui se vê como o povo que conheceu o poder de Deus ao longo da sua História foi também após outros deuses ou criou para si deuses estranhos, como um bezerro de ouro (culto egípcio) para adoração.



- Em termos bíblicos a palavra que vem traduzida como “cruz” pode ter vários significados, podendo ser também sinónimo de sofrimento, trabalhos árduos e dificuldades desta vida, etc., aos quais, tal como Yeshua, O Cristo, todos estamos sujeitos. Pode ainda ter outros significados como o Seu sacrifício no madeiro. Vejamos exemplos concretos:

Mateus 10:38 – **“E quem não toma a sua cruz, e não segue após mim, não é digno de mim”**. Ora os que são de Cristo têm que levar a sua “cruz” até ao fim, tal como Ele o fez por nós, isto é, por todos os que O aceitam como Salvador das suas vidas e a Ele se entregam por completo. O termo “cruz” refere-se claramente às dificuldades que esta vida a todos coloca.

Lucas 9:23 – **“E dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me”**. (outro significado: sacrifício e renúncia)

Gálatas 6:14 – **“Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo”**. Neste contexto, a palavra “cruz” assume o significado de “sacrifício”, tal como em Efésios 2:16 ou Filipenses 3:18.

Esta “cruz” de que nos fala Yeshua é claramente aquela que respeita aos sofrimentos que esta vida tem para dar a todos enquanto aqui andamos. A forma como os suportamos é que é importante, pois uma coisa é pensarmos que somos capazes pelos nossos próprios meios e capacidades de vencer todas as etapas do nosso caminho (se pensarmos assim falharemos). Outra é entregarmos os nossos cuidados ao Senhor (sermos as varas que dão fruto porque estão ligadas à videira verdadeira que é Cristo) e ter confiança que Ele nos ajudará a ultrapassar todas as dificuldades pois, em João 15:5 Ele diz-nos que sem Ele nada poderemos fazer. E aconselha-nos ainda em Salmos 37:5 para entregarmos o nosso caminho ao Senhor, confiar Nele que Ele tudo fará!

Então, sabemos pela Sua Palavra que com a ajuda do Espírito Santo em nós, podemos levar a nossa “cruz” até ao fim e sermos reais vencedores, tal como Ele também venceu o mundo. Para tal, como nos é ensinado, temos que renunciar a nós próprios e segui-Lo.

- “Cruz” pode ainda, noutros contextos, ter outros significados:

1.Coríntios 1:17-18 – **“Porque Cristo enviou-me, não para batizar, mas para evangelizar; não em sabedoria de palavras, para que a cruz de Cristo se não faça vã. Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus”**. (Significado: para que o sacrifício de Cristo não tenha sido em vão; já a “palavra da cruz” significa a “Palavra do Evangelho”).

Gálatas 5:11 – **“Eu, porém, irmãos, se prego ainda a circuncisão, por que sou, pois, perseguido? Logo o escândalo da cruz está aniquilado”**. (Significado: renúncia às coisas passadas, deste mundo, o que caracteriza a

nova criatura nascida do arrependimento e do baptismo; a “não circuncisão” era escândalo para os judeus).

- São muitas as passagens bíblicas, em que o termo “cruz” significa mesmo o instrumento físico de morte à qual Yeshua foi pregado – o madeiro. Estava profetizado que ao Messias haveriam de Lhe trespassar as mãos e os pés – Salmos 22:16. Isso porém não quer dizer que este símbolo de maldição (e pagão) deva ter algum significado para a vida do verdadeiro cristão. Bem pelo contrário. Se Yeshua tivesse sido sacrificado nos tempos modernos na cadeira eléctrica, não andaríamos com uma miniatura desse objecto pendurado ao pescoço. O único significado aceitável é o do “sacrifício” salvador pelo sangue de Yeshua, no qual Paulo se gloriava. Interessante é observar o que vem relatado em Actos 5:30 – **“O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, ao qual vós matastes, suspendendo-o no madeiro”**. Idem, em Actos 13:29, Gálatas 3:13, 1.Pedro 2:24. Algumas traduções mais próximas do original traduzem a palavra por “árvore”. Não há pois qualquer segurança bíblica de que Yeshua tenha sido pendurado num madeiro em forma de “cruz”. Mas nem isso deve ser motivo de preocupação para o crente.
- A verdadeira questão não é tanto saber se Yeshua foi pendurado num madeiro com ou sem braços transversais, mas antes entender o que a Igreja de Roma fez com esse símbolo maldito cuja origem é muito anterior ao tempo do Cristo e que sempre esteve associado a um culto pagão e idolátra, o de Tamuz, o deus-sol.

### 3. O sinal da cruz

Por sua vez, o sinal da cruz é um símbolo que anda sempre de mãos dadas com o crucifixo. No rito católico-romano, nenhum sinal de adoração (oração ou outro acto) se realiza que não seja acompanhado pela persignação frequente desses crentes. Este era o tipo de sinais usados pelos pagãos em Babilónia e no Egipto, com o mesmo simbolismo de poder mágico (supertição pagã).

Este sinal era posto nas testas dos que se baptisavam (e ainda o é nas crianças indevidamente baptizadas pela Igreja Católica e pela ignorância dos seus pais) e que eram iniciados nos “mistérios”, e por isso mesmo, usado como um símbolo “sagrado” também chamado “o sinal da vida”, identificando assim os seguidores de Tamuz (deus sol), grande divindade pagã dos caldeus. Foi através deste culto que Israel se desviou do seu Deus Verdadeiro, ofendendo-O, e que por tal pecado Lhe sobreveio grande castigo – Ezequiel 8:6-18. Satanás continua ainda hoje, por este e outros meios, a enganar os povos e a subverter a verdade de Deus.

É ainda em obediência a este culto pagão antigo (culto a Tamuz=deus sol) que os sacerdotes católicos usam, no alto das suas cabeças a chamada “tonsura” ou coroa representando o disco solar no momento da sua ordenação como sacerdote.



Podemos assim afirmar que, infelizmente por ignorância sua, ao fazer o sinal da cruz, Cristo é de novo crucificado por aqueles que dizem ser seus seguidores. Tal como Yeshua e os seus apóstolos afirmaram em inúmeras passagens, tal instrumento de morte não tem qualquer importância ou valor, mas sim Aquele que nele morreu por nós. Esse sim, deve constituir-Se como o centro da nossa adoração.

### **Conclusões**

Muitos que usam o crucifixo ao peito ou o têm noutra lugar e que se persignam com o sinal da cruz nos dirão que usam estes símbolos em memória do sacrifício libertador de Yeshua. Mas, aqueles que conhecem a verdade de Deus não podem aceitar estas subtilezas de linguagem ou filosofias de origem pagã, diabólica. Como podemos associar a Cristo uma coisa tão vil que sempre esteve associada a uma morte atroz e ao culto de ídolos pagãos e no qual O Nosso Salvador veio a padecer por nós?

Claro que os apóstolos testemunharam a forma como Cristo foi humilhado até à morte. Mas, nenhum deles foi inspirado pelo Espírito Santo a escrever-nos que o uso destes símbolos eram parte integrante do culto devido a Deus e ao Seu Ungido. Chegou até nós algum testemunho que algum dos apóstolos os usasse? A resposta é não. Ora, se era impensável para eles também o deve ser para nós hoje!

Assim o conselho de Deus permanece para nós em Apocalipse 18:4: ***“E ouvi outra voz do céu, que dizia: Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas”***.

Depois deste conselho nada mais há a acrescentar.

-----